

A CRÍTICA DE WITTGENSTEIN AO SEU “TRACTATUS” NAS “INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS”¹

Ricardo Peraça Cavassane²

RESUMO

O pensamento de Ludwig Wittgenstein é comumente dividido em duas as fases: a do “primeiro” Wittgenstein, representada por sua obra de juventude, o *Tractatus Logico-Philosophicus*; e a do “segundo” ou “último” Wittgenstein, cuja obra principal é as *Investigações Filosóficas*. Entre as duas fases não há transformação, mas ruptura e inovação. É evidente que há pontos de ligação conceitual entre as fases, mas a abordagem de suas observações acerca da linguagem – seu principal objeto de investigação – torna-se diametralmente oposta. Como se dá, no entanto, tal ruptura? O que levou este filósofo a desenvolver dois pensamentos tão distintos? Compreendendo como se deu essa ruptura, poderemos apreender a natureza da crítica do segundo Wittgenstein à primeira fase de seu pensamento.

Palavras-chave: Wittgenstein, *Tractatus*, *Investigações*, linguagem.

Introdução

Ludwig Wittgenstein é um dos muitos filósofos cujo pensamento pode ser dividido em diversas fases ou períodos – neste caso, são duas as fases: a do “primeiro” Wittgenstein, representada por sua obra de juventude, o *Tractatus Logico-Philosophicus*; e a do “segundo” ou “último” Wittgenstein, cuja obra principal é as *Investigações Filosóficas*. – A maioria dos filósofos, porém, tem seu pensamento transformado ao longo do tempo. No caso de Wittgenstein, no entanto, entre as duas fases de sua filosofia não há transformação, mas ruptura e inovação, tanto em relação a si mesmo quanto em relação à tradição filosófica, a qual na primeira fase, seu pensamento está consoante. É evidente que há pontos de ligação conceitual entre ambas as fases, afinal trata-se ainda do mesmo filósofo; mas a abordagem de suas observações acerca da linguagem – seu principal objeto de investigação – torna-se diametralmente oposta. E examinando um pouco sua biografia³, podemos facilmente perceber que fatores contribuíram para que este filósofo desenvolvesse dois pensamentos tão distintos entre si.

1. Os dois Wittgenstein

Wittgenstein é um dos personagens que mais destoa de seus pares na história da filosofia. Era apenas um estudante de engenharia quando se viu diante de problemas fundamentais da

¹ Artigo baseado em resultados de pesquisa de iniciação científica com apoio CNPq/PIBIC. A pesquisa foi orientada pela Dr^a Clélia Aparecida Martins.

² Discente do 4º ano do curso de Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Campus de Marília – SP. ricardo.peraça@gmail.com

³ E para tanto tomamos como base a biografia de Wittgenstein de autoria de Ray Monk.

matemática, e pôs-se a tentar solucioná-los. Procurou por Gottlob Frege, o primeiro a fundamentar a aritmética na lógica, mas este não compreendeu suas estranhas observações, e lhe enviou àquele que era na época o mais eminente pesquisador da área: Bertrand Russell. Wittgenstein tornou-se discípulo de Russell, e em pouco tempo, mostrou-se mais apto a resolver os intrincados problemas com os quais se ocupava seu preceptor. Tais problemas diziam respeito não somente à lógica e matemática como também à natureza da proposição e da linguagem, e a resposta de Wittgenstein a estes problemas viria a ser publicada com o título de *Tractatus Logico-Philosophicus*. Com esta obra, o jovem e ingênuo Wittgenstein acreditava ter solucionado todos os problemas relevantes para a filosofia. No prefácio do *Tractatus* ele diz: “[...] a verdade dos pensamentos aqui comunicados parece-me intocável e definitiva. Portanto, é minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas.” (WITTGENSTEIN 1994, p. 133). Deste modo, após a publicação do *Tractatus*, ele abandona a filosofia e procura exercer ofícios nos quais poderia ser útil de alguma maneira. Mas a maturidade e a experiência (e em especial um destes ofícios, o de professor do primário em uma pequena aldeia austríaca) lhe mostraram que sua primeira filosofia estava equivocada. Ele resolveu os problemas com os quais se deparou, ao tomar contato com Russell; mas estes problemas não estavam colocados da maneira correta, e portanto sua resolução não contribuiu para a verdadeira compreensão dos fenômenos da linguagem, principal foco do *Tractatus* e da nova filosofia que Wittgenstein viria a formular. Esta filosofia deveria, deste modo, ocupar-se primeiramente da crítica a seu antigo pensamento. Por isso ele diz, no prefácio às *Investigações*: “[...] pareceu-me dever publicar juntos aqueles velhos pensamentos [do *Tractatus*, R.P.C.] e os novos, pois estes apenas poderiam ser verdadeiramente compreendidos por sua oposição ao meu velho modo de pensar, tendo-o como pano de fundo.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 26). E com a crítica à sua primeira filosofia, ele estaria também criticando a tradição filosófica na qual ela se inseria, visto que o segundo Wittgenstein “[...] chegou a considerar o método e as doutrinas do *Tractatus* como um paradigma de filosofia tradicional.” (FANN 1999, p. 76).

2. O *Tractatus Logico-Philosophicus*

A teoria presente no *Tractatus* que recebe mais contundentemente as posteriores críticas de seu autor, por tratar-se de uma teoria do significado linguístico, é a chamada teoria da figuração, cujo objetivo é responder à seguinte pergunta: como é possível falar sobre o mundo? Uma formulação mais detalhada desta pergunta nos é dada por Fann. Segundo ele, o primeiro Wittgenstein acreditava que:

Para que pensemos e falemos do mundo deve haver algo em comum entre a linguagem e o mundo. O elemento comum deve estar em suas estruturas. Podemos conhecer a estrutura de um deles se conhecemos a do outro. Já que a lógica nos revela a estrutura da linguagem, deve nos revelar também a estrutura do mundo. (FANN 1999, p. 24, tradução nossa).

Subjacentes a essa crença estão, portanto, as crenças de Wittgenstein em uma estrutura *a priori* do mundo e na lógica como estrutura da linguagem, e estas crenças tinham a forma de convicções, que “[...] o jovem Wittgenstein nunca pôs em dúvida.” (FANN 1999, p. 24, tradução nossa). Como ele mesmo admite nas *Investigações*: “A pureza cristalina da lógica não se entregou a mim, mas foi uma exigência.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 64). A teoria da figuração, deste modo, tenta explicar como é feita a ligação entre a estrutura lógica do mundo e a estrutura lógica da linguagem, ligação essa que possibilita que, através da linguagem, possamos falar sobre o mundo. Esta teoria é, na sua formulação mais básica, bastante simples: constituem tanto o mundo quanto a linguagem elementos simples organizados em estruturas lógicas, formando complexos. Estes elementos simples, no mundo, são os objetos, que logicamente organizados constituem fatos. Já na linguagem, os elementos simples são as palavras, que se organizam constituindo frases. A relação entre objetos e palavras é de ordem correspondencial; já a relação entre fatos e frases é de isomorfismo, ou seja, um compartilhamento da forma, que é a forma lógica. Tal como a forma lógica dos objetos determina quais deles podem constituir fatos entre si, ou seja, quais fatos são possíveis, a forma lógica das palavras determina quais delas podem constituir frases com sentido. O sentido de uma frase, portanto, está em ela expressar um fato possível, e sua verdade está em ela expressar um fato que realmente ocorre.

Assim sendo, a linguagem afigura os fatos, pois forma como que imagens, figurações deles. A figuração de um fato deve ser, portanto, prioritariamente lógica, mas pode ser também linguística, como no caso da linguagem ordinária; espacial, como no caso de uma maquete; colorida, como no caso de um mapa, etc., pois todos os fatos possuem a forma lógica, e esta forma deve ser compartilhada por toda e qualquer figuração; já outras formas são específicas de alguns tipos de fatos. E a figuração puramente lógica é o que caracteriza o pensamento⁴. As frases da linguagem ordinária, portanto, estão em ordem tal como são, mas a forma linguística pode levar a erros e ambiguidades. Deste modo, através da análise lógica das frases da linguagem comum é possível chegar à figuração puramente lógica, ou seja, ao pensamento contido na frase.

Para o primeiro Wittgenstein, portanto, é possível pensar, e deste modo expressar, somente fatos logicamente possíveis. Desta constatação surge a tese do indizível, que demonstra o radicalismo do *Tractatus*: podemos, através da linguagem, expressar somente fatos possíveis ou

⁴ O termo “pensamento” (Gedanke), no entanto, é utilizado pelo primeiro Wittgenstein com a mesma acepção que Frege, ou seja, denota o conteúdo objetivo compartilhado por todos os sujeitos que compreendem uma frase, e não a representação (Vorstellung) que cada indivíduo faz diante desse conteúdo.

reais, mas fatos do mundo, ou seja, podemos através dela expressar apenas conteúdos objetivos. Todo conteúdo subjetivo (como os assuntos da ética, da estética e da religião), assim como todo conteúdo que diz respeito somente à forma dos fatos e não propriamente aos fatos (como as proposições da lógica e da matemática) não podem ser ditos, mas apenas mostrados, e são o que Wittgenstein chama de “místico”. Deste modo, o *Tractatus Logico-Philosophicus* termina com a seguinte afirmação: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 281).

3. A ruptura

A ruptura entre o primeiro e o segundo Wittgenstein também se dá de forma inusitada. De fato, como nota Fann, “[...] algumas *sementes* da última filosofia de Wittgenstein estavam já contidas em seus *pré-Tractatus Notebooks*.” (FANN 1999, p. 62, tradução nossa). Nessa obra ele demonstrava dúvidas a respeito de algumas das doutrinas básicas do *Tractatus*, como a de que a totalidade das proposições é a linguagem, ou a teoria da figuração, ou mesmo sobre os “objetos”, dos quais não dá nenhum exemplo, embora sejam essenciais em sua argumentação. No período em que o *Tractatus* é escrito, no entanto, Wittgenstein parece simplesmente ignorar estes questionamentos – mas na verdade, a convicção de que havia alcançado verdades definitivas superou tais questionamentos e os suprimiu, ao menos por enquanto. Em seus novos escritos, posteriores ao *Tractatus*, estes questionamentos retornam com força suficiente para que ele admita que seu antigo pensamento estava equivocado, e lhe possibilitam livrar-se das convicções que o prendiam à tradição filosófica. Abandonados esses pressupostos, Wittgenstein empreende uma crítica a si próprio e, conseqüentemente, à tradição, o que lhe possibilita pensar mais livremente a questão da linguagem.

4. A crítica ao *Tractatus* nas *Investigações Filosóficas*

A crítica do segundo Wittgenstein a si mesmo e à tradição filosófica pode ser dividida em duas categorias amplas⁵: o referencialismo e o perfeccionismo lógico. Ambas, juntas e entremescladas, formam o ideal que permeia toda a tradição e que o jovem Wittgenstein tomava como verdadeiro. Este ideal, como observa de forma sutil o próprio Wittgenstein, que cita a seguinte passagem do diálogo platônico *Teeteto*, remonta a Platão: “[...] para os *elementos primitivos* [...] dos quais nós e tudo mais somos compostos, não há nenhuma explicação; pois tudo o que é em si e por si pode apenas ser *designado* com nomes [...] Estes elementos primitivos eram os

⁵ E nessa divisão seguimos Fogelin (1997).

'individuals' de Russell e os meus [isto é, do próprio Wittgenstein, R.P.C.] 'objetos'." (WITTGENSTEIN 1999, p. 43-44). Com isto Wittgenstein nos mostra que no *Tractatus* ele seguia uma tradição na qual foi introduzido por Russell, mas cuja origem já se encontrava em Platão. Esta tradição, da qual participam a maioria dos filósofos depois de Platão (e talvez mesmo até hoje), tem como principal característica um entrelaçamento conceitual que produz o referencialismo e o perfeccionismo lógico. Este entrelaçamento se faz entre os conceitos de mente, mundo e linguagem: feita a equivalência entre essas três dimensões, faz-se necessária tanto a correspondência entre pensamentos, fatos e proposições, quanto a exata e correta correspondência entre os mesmos.

As críticas de Wittgenstein visam, portanto, a eliminação de tal ideal: "O ideal está instalado definitivamente em nossos pensamentos [...] De onde vem isso? A idéia é como óculos assentados sobre o nariz e o que vemos, vemos através deles. Nem nos ocorre a idéia de tirá-los." (WITTGENSTEIN 1999, p. 64). Assim, não se trata da criação de uma "visão de mundo" mais correta do que a da tradição, mas a eliminação de qualquer "visão de mundo" filosófica. Wittgenstein "[...] não sugere que nós troquemos nossos óculos por um par melhor. Nós deveríamos simplesmente retirá-los, pois nosso modo 'incorreto' de ver o mundo era inicialmente adequado." (FOGELIN 1997, p. 34, tradução nossa). Deste modo, o que constitui a ruptura entre o primeiro e o segundo Wittgenstein é uma mudança de método: "O método puramente *apriorístico* do *Tractatus* é submetido a crítica e agora recomenda (em certo sentido) o método *a posteriori* de investigar os fenômenos reais da linguagem." (FANN 1999, p. 62).

4. 1. "Uma determinada imagem da essência da linguagem"

O referencialismo ou a teoria referencial do significado consiste numa determinada visão da linguagem que o segundo Wittgenstein resume na seguinte fórmula: "[...] as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações." (WITTGENSTEIN 1999, p. 27). Esta visão é predominante na tradição filosófica: para a maioria dos filósofos, uma palavra possui significado se a ela corresponde um objeto (muito embora, entre estes mesmos filósofos, nem sempre haja concordância quanto à natureza dos objetos aos quais a linguagem se refere). Boa parte das *Investigações* é destinada a criticar esta teoria, e demonstrar que ela é insuficiente para explicar a totalidade dos fenômenos linguísticos. Isso se dá, pois, de acordo com Wittgenstein, não é possível reduzir todas as palavras a nomes. Ele abre as *Investigações* com uma citação de Santo Agostinho que exemplifica bem como os filósofos costumam reduzir as palavras aos substantivos, talvez por uma certa infelicidade na escolha dos exemplos:

Santo Agostinho não fala de uma diferença entre espécies de palavras [...] pensa, pelo menos acredito, primeiramente em substantivos tais como ‘mesa’, ‘cadeira’, ‘pão’, em nomes de pessoas, e apenas em segundo lugar em nomes de certas atividades e qualidades, e nas restantes espécies de palavras como algo que se terminará por encontrar. (WITTGENSTEIN 1999, p. 27).

Wittgenstein demonstra, por meio de outros exemplos, que nem todas as palavras – a menor parte delas, na verdade – são nomes de objetos, e que se confunde o significado dos nomes com seus portadores. Assim, se o significado de uma palavra fosse o objeto por ela designado, ela perderia seu significado caso esse objeto desaparecesse:

Isto é, confunde-se a significação de um nome com o *portador* do nome. Se o sr. N. N. morre, diz-se que morre o portador do nome, e não que morre a significação do nome. E seria absurdo falar assim, pois se o nome deixasse de ter significação, não haveria nenhum sentido em dizer: ‘o sr. N. N. morreu’. (WITTGENSTEIN 1999, p. 42).

4. 2. “A pureza cristalina da lógica”

A crença de que a linguagem representa o mundo traz consigo a crença de que ela deva representá-lo fielmente, e de que a verdade consiste na fidelidade da representação ao representado. O perfeccionismo lógico é, deste modo, um ideal mais tácito do que o ideal do referencialismo, e justamente por isso mais difícil de se abandonar. No *Tractatus*, os objetos aos quais se referem as palavras são simples, e isso garante a univocidade do significado. Na verdade, sua simplicidade é um postulado, que serve justamente para assegurar que o significado das palavras, embora baseado nas coisas, não seja mutável e, destarte, a noção de verdade não se torne sem valor. É por esse fato que no *Tractatus* Wittgenstein não dá nenhum exemplo de objeto. Em seus *Notebooks*, Wittgenstein diz:

Parece que a ideia do SIMPLES já está para ser encontrada contida na ideia de complexo e na ideia da análise, e de tal forma que chegamos a esta ideia completamente à parte de qualquer exemplo de objeto simples, ou de proposições que os mencionem, e compreendemos a existência do objeto simples – *a priori* – como uma necessidade lógica. (WITTGENSTEIN 1998, p. 60, tradução nossa).

Como perspicazmente observa Fogelin, os objetos do *Tractatus* são entidades lógicas criadas com o objetivo claro de tornar possível a teoria referencial do significado:

Os objetos tractarianos, [...] sendo eternos, asseguram a linguagem contra a ameaça da perda de referência [...] Sendo imutáveis, eles previnem contra a

mudança arbitrária de significado. Sendo simples, eles providenciam o ponto final da análise. (FOGELIN 1997, p. 41, tradução nossa).

É o problema da verdade que coloca a necessidade da exatidão lógica e da univocidade do sentido. Nas *Investigações*, Wittgenstein se incumbiu de demonstrar que a exatidão do significado é relativa e indissociável do contexto, e que a exatidão absoluta é um ideal e, portanto, inalcançável:

‘Inexato’ é propriamente uma repreensão e ‘exato’, um elogio. E isto significa: o inexato não alcança o seu objetivo tão perfeitamente como o mais exato. Isto depende daquilo que chamamos de ‘objetivo’. É inexato se eu não indicar a distância que nos separa do sol até, exatamente 1 metro? E se eu não indicar ao marceneiro a largura da mesa até 0,001 mm?

Um ideal de exatidão não está previsto; não sabemos o que devemos nos representar por isso – a menos que você mesmo estabeleça o que deve ser assim chamado. Mas ser-lhe-á difícil encontrar tal determinação; uma que o satisfaça. (WITTGENSTEIN 1999, p. 42-43).

A impossibilidade da exatidão última desfaz a convicção wittgensteiniana da lógica como estruturadora do pensamento, do mundo e da linguagem, e assim está feita a crítica que põe ao chão toda a teoria da figuração do *Tractatus Logico-Philosophicus*.

Conclusões

É, portanto, em Platão que a tradição que culmina no *Tractatus* tem seu início. Foi primeiro em Platão que se colocou claramente a necessidade de uma exatidão na linguagem, de uma definição última de um termo, e também foi ele quem primeiro se utilizou de uma solução metafísica – com sua teoria das ideias – para resolver o problema da linguagem e do pensamento. Platão elevou a relação entre pensamento e linguagem já existente no *logos* grego à categoria ontológica, criando o entrelaçamento pensamento-mundo-linguagem. Quando o personagem Sócrates, nos diálogos platônicos, pede pela definição de um termo abstrato como “coragem”, a despeito dos exemplos dados e dos vários casos de coragem relatados, é a exatidão da busca pela verdade que guia seu questionamento, e que só pode ser respondida pela “solução” que é a teoria platônica das ideias (devemos notar também que, ao mesmo tempo em que pede pela definição de um termo que designa algo abstrato, Sócrates usa como exemplo termos que designam coisas concretas – assim como o primeiro Wittgenstein não dava exemplos de objetos simples, tais diálogos platônicos terminavam em aporia, até que surgisse a teoria das ideias, que não é nenhuma resposta afinal). Na luta entre Platão e os sofistas, a tradição escolheu Platão e tomou para si sua “visão de mundo”. O segundo Wittgenstein abandona estes pressupostos da filosofia tradicional e

faz uma filosofia que lembra, em alguns aspectos, o pensamento sofisticado. O sofista Górgias, em seu *Da natureza, ou seja do Não-Ser*, diz:

Se houver coisas exteriores existentes fora de nós, serão objeto da visão, audição, olfato, tato, paladar. Nosso meio de comunicação é a palavra e nenhuma coisa externa nos é dada por meio da palavra. Assim como não vejo o som nem escuto as cores – cada sentido percebe o que lhe é próprio –, não posso, pela palavra, dizer coisas; pela palavra, digo palavras e não coisas. (CHAUI 2002, p. 173).

Nas *Investigações*, Wittgenstein dirá algo parecido – a saber, que o significado das palavras é seu uso – nada, portanto, que esteja além delas, ou que se encontre no mundo. O segundo Wittgenstein faz uma filosofia que abandona os antigos ideais e que visa compreender a linguagem em seu uso no cotidiano, não podendo, deste modo, ignorar cultura e natureza, nem entregar-se a infundáveis discussões conceituais, como faziam os filósofos da tradição.

Referências Bibliográficas

- CHAUI, M. *Introdução à história da filosofia* – Vol. 1. Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FANN, K. T. *El concepto de filosofía en Wittgenstein*. Madri: Editorial Tecnos, 1999.
- FOGELIN, Robert J. “Wittgenstein’s critique of philosophy”. In: SLUGA, H. D.; STERN, D. G. (Org.). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 34-58.
- MONK, Ray. *Wittgenstein – O dever do gênio*. Tradução: Carlos Alfonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- STEGMÜLLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea – Introdução Crítica*, Vol. 1. Tradução: Edwino A. Royer. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores: Wittgenstein).
- _____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- _____. *Notebooks – 1914-1916*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.